

Mobilidade humana e circularidade de ideia

Diálogos entre a América Latina e a Europa

editado por Luis Fernando Beneduzi e Maria Cristina Dadalto

Apresentação

Luis Fernando Beneduzi

(Università Ca' Foscari di Venezia, Italia)

Maria Cristina Dadalto

(Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil)

Este livro é uma Co-Produção da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) com a Universidade Ca' Foscari Venezia. Resultado de um projeto de cooperação realizado entre o Departamento de Estudos Linguísticos e Culturais Comparados e do Centro Interdepartamental de Escrituras e Escritoras Migrantes da Universidade Ca' Foscari Venezia e os Programas de Pós-Graduação em História e em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo, contou com os apoios da Secretaria de Relações Internacionais da UFES, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Fundação de Amparo a Pesquisa do Espírito Santo (FAPES).

O desafio colocado para o grupo de pesquisadores envolvidos, e articulados numa perspectiva de pesquisa em rede, se cristalizou no Primeiro Colóquio Internacional Mobilidade Humana e Circularidade de Ideias, realizado na UFES, em Julho de 2015. O objetivo foi a discussão dos processos de deslocamento de pessoas e movimento de ideias em países da América Latina – especialmente Brasil – e Europa. A proposta amadurecida durante os dois anos de realização do projeto se configura neste livro com o estreitamento de laços entre os pesquisadores da rede, com a ampliação das inter-relações acadêmicas, especialmente entre Itália e Brasil.

Entendemos assim que este livro se apresenta como produto do percurso que vimos construindo desde 2011, quando realizamos um primeiro seminário sobre Estudos Migratórios na UFES. O convívio, a discussão e a produção desde então trouxeram desafios coletivamente enfrentados, cujo aprendizado uniu ainda mais os integrantes do projeto, mesmo diante de toda dificuldade imposta pela distância entre os países. Desse percurso, chegamos a 2015 com novas problemáticas de pesquisa, velhos e novos parceiros e o propósito de manter nossa integração no desenvolvimento de pesquisas que somem esforços para dar maior amplitude e profundidade ao estudo da mobilidade humana e da circularidade de ideias na América Latina e na Europa.

Diaspore 7

DOI 10.14277/6969-122-5/DSP-7-0

ISBN [ebook] 978-88-6969-122-5 | ISBN [print] 978-88-6969-123-2 | © 2017

Nesta perspectiva, delineamos como eixos articuladores para discussão e que se consolida na produção dos artigos aqui organizados, as seguintes questões:

- a. como os processos de mobilidade humana e movimentos de ideias na América Latina e na Europa foram e são influenciados reciprocamente?
- b. como esses processos de mobilidade se diferenciam segundo as ideias em circulação?
- c. que variáveis estruturais, histórico-sociais e culturais condicionam o modo de organização do movimento de pessoas e pensamentos nos países estudados?

A questão central que fundamenta a discussão do grupo relaciona-se diretamente à dinâmica fortemente dialética que envolve a mobilidade humana e a circulação de ideias. Se por um lado o deslocamento de pessoas constrói imagens sobre os lugares de onde se chega e daqueles de onde se sai, por outro, as ideias-imagens são produtoras de mobilidade, na medida em que alimentam imaginários e representações que funcionam como propulsores do agir humano.

Desse modo, os contatos entre a Europa e a América Latina nos remetem aos últimos anos do século XV, quando os navios de Castela e Aragão chegaram à região central do continente, na ilha batizada como Hispaniola. Dava-se, então, início a um processo inexorável de iberização do subcontinente americano, como afirma Carmagnani (2003),¹ o qual foi seguido, a partir do século XIX, por uma dinâmica de europeização. As relações entre os dois lados do Atlântico principiaram um duplo movimento entre os dois continentes, tanto de deslocamento de pessoas (da colonização-ocupação à imigração) quanto de circulação de projetos políticos, sociais, culturais, de percepções de mundo, de representações.

Se por um lado a América Latina transformou-se em um ‘outro ocidente’, conceito utilizado por Marcello Carmagnani, ou num ‘extremo ocidente’, como assevera Alain Rouquié,² por outro, a Europa viveu forte mudança material e imaterial desde os primeiros contatos com ‘as terras de além-mar’. Poder-se-ia dizer que, desde os primeiros passos desse relacionamento, ambos os continentes viveram o fenômeno da circulação e da interpenetração na construção de suas realidades contemporâneas. Na discussão desta obra busca-se, entender partes destes processos de interação que deram vida à sociedade latino-americana hodierna, assim como à europeia e, também, como estes contatos produziram conceitos

1 Carmagnani, Marcello (2003). *L'altro Occidente. L'America Latina dall'invasione europea al nuovo millennio*. Torino: Einaudi.

2 Rouquié, A. (2000). *L'America Latina. Introduzione all'Estremo Occidente*. Milano: Bruno Mondadori.

políticos, sociais, econômicos e culturais caros aos dois continentes, que, mesmo em estruturas híbridas, os colocam em diálogo ainda hoje.

A discussão de três dos fenômenos que atravessam os últimos 130 anos de deslocamentos entre Europa e América Latina dão a dimensão da importância do objeto de investigação deste projeto. Primeiro, a grande imigração europeia de massa de finais do século XIX. Em segundo, o crescimento da emigração latino-americana nos últimos vinte anos e o aumento da emigração europeia (também em direção à América Latina, em particular, aquela dos países do mediterrâneo) na primeira década do século XXI. Por fim, a conjuntura migratória internacional, que envolve processos de integração e reelaboração identitária, tanto pensando nas comunidades de latino-americanos no exterior – as quais repensam as suas identidades nacionais e continentais – quanto nos processos de interação com as comunidades locais, que forjam processos múltiplos de identificação.

É relevante destacar, ainda, que, os deslocamentos humanos promovem movimentos de ideias e construções de imaginário – que muitas vezes ultrapassam o círculo dos continentes aqui em destaque. Os processos imigratórios trouxeram consigo um fluxo de viajantes, políticos, intelectuais que produziram narrativas não somente em relação aos espaços de imigração, mas, também, forneceram olhares diferenciados sobre os Estados nos quais os imigrantes se instalaram. Produziram-se literaturas sobre as experiências de ambos os lados do Atlântico, colaborando, neste sentido, na produção de quadros imagéticos que passaram, pouco a pouco, a ser socialmente compartilhados e a constituir emblemáticas representações do outro.

No que concerne à imigração histórica, ou seja, àquela de finais do século XIX, muito já se produziu tanto no que se refere à realidade brasileira, às transformações aportadas pelos imigrantes ao cenário político-econômico nacional, e também sociocultural, quanto àquela considerada na individualidade de cada Estado hispano-americano receptor de imigrantes (maiormente Argentina, Uruguai, Chile, Peru e México). A relevância da presente discussão é pensar essas dinâmicas em uma perspectiva continental e percorrer os processos de mudança que foram atravessando contemporaneamente os dois continentes e como uma relação dialética de interinfluência se construiu.

Com relação ao incremento no processo emigratório latino-americano, deve-se ressaltar que o fenômeno adquiriu tamanha relevância em âmbito continental que, inclusive, estimula novas relações internacionais entre esses países. No Brasil, criou-se a Subsecretaria-Geral das Comunidades Brasileiras no Exterior (SGEB), em 2007, vinculada ao Ministério das Relações Exteriores, com a função de colaborar na construção de políticas públicas que venham ao encontro das necessidades dos imigrantes brasileiros presentes nos diferentes países. Além disso, mais recentemente, no dia 15 de Junho de 2010, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva assinou o

Decreto nr. 7.214 que, entre outras medidas, estabelece os princípios e as diretrizes da política governamental para as comunidades brasileiras no exterior. Em uma demonstração da importância que a população brasileira não residente no país tem assumido em âmbito governativo, o Decreto instituiu as Conferências dos Brasileiros no Mundo (CBM) e criou o Conselho de Representantes de Brasileiros no Exterior (CRBE).

No âmbito da Europa, o caso italiano pode ser visto como exemplar. Entre a última década do século XX e a primeira do século XXI se observa o contínuo crescimento do debate sobre a imigração extra e intracomunitária, ganhando ares muito preocupantes. A problemática migratória tem adquirido sempre mais espaço nos meios de comunicação italianos e o preconceito com relação ao outro, sobretudo, o chamado 'extracomunitário', encontra-se em franco crescimento. O aumento do fluxo de sujeitos provenientes do norte da África e do Oriente Médio, a causa de conflitos armados e/ou de problemas socioeconômicos, não faz outra coisa que aumentar esta desconfiança do outro (especialmente por causa do medo crescente do terrorismo) e este medo da perda de controle sobre o território nacional.

Em contraste com o crescimento de uma espécie de xenofobia no contexto europeu, a América Latina e, em modo especial o Brasil, tem assumido (faz-se referência à primeira década do século XXI) um papel relevante na economia e na política internacional, o que colabora para a positividade da figura do imigrante brasileiro, através de um encantamento com as políticas levadas adiante nas 'antigas colônias'; ainda mais considerando este momento histórico de crise nos Estados centrais do sistema (*Core Countries*) e a situação relativamente controlada da periferia. Cabe ressaltar todavia que - nos últimos anos - diferentes situações nacionais latino-americanas, como consequência da própria crise internacional, mas também de crises políticas internas, tem alterado esta imagem de terra da promessa e produzido novas leituras sobre a região no mundo Ocidental.

Como terceiro fenômeno, observa-se o aumento das partidas de cidadãos em busca de melhores condições na sociedade europeia contemporânea, e especialmente por aquela do sul do continente: fenômeno mais relevante a partir dos anos 1980-90, e com certo declínio na primeira década do século XXI. Em direção à América Latina, mesmo que não se note a mesma intensidade de fluxo, como os milhões de imigrantes do final do século XIX, verificou-se um deslocamento consistente de milhares de europeus (mão de obra qualificada e *brain drain*) em direção ao subcontinente, na primeira década deste século. Mais uma vez se reforça no imaginário da velha Europa a figura do subcontinente como a terra da *cuccagna*: espaço de grandes oportunidades e uma sociedade aberta para a acolhida.

São estes fenômenos e ideias que circularam e permanecem circulando entre América Latina e Europa, que não estão restritas a latinos-americanos e europeus, mas envolvem todos os sujeitos e grupos que transitam

nestes espaços-tempos e lugares, que apresentamos nos artigos coligidos nesta coletânea, produzidos por pesquisadores de universidades brasileiras e da Universidade de Veneza.

Assim, em «Os contatos entre os dialetos italianos e o português no Espírito Santo», Edenize Ponso Peres apresenta parte da história dos contatos entre os dialetos italianos e o português no Espírito Santo – estado da região sudeste do Brasil – que recebeu milhares de imigrantes do norte da Itália em fins do século XIX. Pelo fato de os imigrantes terem se fixado em áreas isoladas, em meio à floresta, os dialetos italianos puderam ser mantidos por muitas décadas. Atualmente, esses dialetos estão deixando de ser falados, mas o contato linguístico deixou marcas no português dos descendentes, principalmente no nível fonético-fonológico. Com respeito à história social desses contatos, as pesquisas levadas a cabo no estado registram as causas para o fim da transmissão dos dialetos às gerações seguintes: as lembranças tristes que a terra e também a língua ancestral evocavam; o uso do dialeto apenas para a conversa de adultos, mantendo as crianças afastadas dos assuntos dos mais velhos; a proibição de se falarem línguas estrangeiras no país, no período do Estado Novo, com Getúlio Vargas, de 1937 a 1945; e o preconceito e a discriminação, que geravam vergonha nos imigrantes e seus descendentes. Assim, depreende-se a importância dos fatores sociais para a preservação ou o desaparecimento das línguas minoritárias nas comunidades de imigração, partindo do caso dos italianos no Espírito Santo.

Discutindo a questão imigratória, em consonância com o papel e os conceitos de língua materna e estrangeira, Lená Medeiros de Menezes, em «Imigração e língua em uma perspectiva de gênero», aborda o papel do idioma nos processos imigratórios, privilegiando a categoria gênero. Para isso, retrata o drama vivido por três mulheres imigrantes ao chegar a um país desconhecido e encontrar-se na difícil situação de integrar-se à nova sociedade. Por meio de entrevistas de dois jovens e de três mulheres – duas falantes nativas de espanhol e uma de italiano – a autora retrata o desafio, envolto em medo e sofrimento, relacionado à necessidade de estabelecer-se em um país estrangeiro e à aprendizagem de uma nova língua, ao mesmo tempo em que ocorre o abandono de sua língua materna e de sua identidade cultural. Comparando-se os papéis femininos e masculinos tanto na sociedade de origem quanto na de chegada, a autora conclui que resta às imigrantes o aconchego – mas também o isolamento – do lar, cabendo aos filhos o papel de elo entre elas e a língua e a sociedade estranha.

Seguindo a senda dos estudos de gênero, em seu artigo intitulado «As mulheres imigrantes portuguesas sob o véu da invisibilidade»: um balanço historiográfico, Roseli Boschilia traça o percurso historiográfico de pesquisas a respeito da mulher e/imigrante, especialmente a portuguesa. Assim, a autora relaciona importantes trabalhos acadêmicos em que a personagem feminina – sua vida pessoal, familiar e laboral, na terra de

origem e/ou na de destino – ganha foco. Com esse objetivo em mente, na primeira parte do artigo, Boschilia expõe um resumo de obras que tratam de questões pertinentes ao gênero feminino, família, trabalho e produção, entre outros, no Brasil e no exterior; na segunda parte, a autora reúne e apresenta pesquisas relacionadas às anteriores, mas voltadas especificamente para a imigrante portuguesa; e, na terceira e última parte, temos a apresentação de congressos internacionais e de criação de grupos de pesquisa que fomentaram as investigações também a respeito de mulheres e/imigrantes portuguesas, mas realizadas recentemente, no século XXI. Por fim, a autora conclui que, não obstante as dificuldades em se retratar a mulher e/imigrante portuguesa, quer pela superioridade numérica masculina, quer pela ausência de dados documentais, nas duas últimas décadas houve um notável esforço para evidenciar o seu lugar de sujeitos realmente atuantes no processo e/imigratório.

Passando da narrativa historiográfica sobre o outro imigrante para àquela literária, Susanna Regazzoni analisa em «Memoria y relato. La migración Italia Argentina» os textos de escritores do início do século XX sobre o processo migratório da Itália para a Argentina e como esta narrativa é marcada por uma construção identitária. Deste modo, em seu estudo propõe entender como a experiência migratória é um fenômeno que se testemunha por meio da memória coletiva e que se relaciona com a narração da história e da memória individual expressas em relatos de recordação. Neste particular, se apropria da produção de uma nova geração de escritores e escritoras que se ocupam do papel que a imigração europeia tem na imaginação Argentina contemporânea, numa reflexão que busca interpretar o passado para compreender o presente. E deste modo, compreender a própria identidade e aquela do outro.

Maíra Ines Vendrame, no artigo «‘Com tinta do meu sangue’: redes e mobilidades através das cartas de um imigrante italiano», seguindo a perspectiva das narrativas sobre o imigrante, colocando o olhar sobre as ‘escritas de si’, procura refletir sobre as estratégias de deslocamento e reunificação familiar através das cartas do imigrante italiano Paulo Rosato. Maíra busca deste modo destacar a importância destas fontes para apreender a complexidade da experiência migratória para o Brasil, bem como compreender como elas permitem acompanhar as expectativas e escolhas dos atores antes e depois das experiências migratórias. Seu argumento é que do além-mar, os imigrantes, por meio da constituição de ‘pontes de tinta’, ligaram o local de destino com o de origem, possibilitando, nas últimas décadas do século XIX, a circulação de informações, objetos e pessoas.

Um outro tipo de narrativa está relacionada àquela do poder público, sobre as posições assumidas e as políticas adotadas pelo Estado brasileiro em relação ao tipo e à ‘qualidade’ dos imigrantes que seriam aceitos para ingressar no país, bem como as prováveis alterações que as mesmas

sofreram no decorrer do tempo. Estes são os objetivos de discussão de Luiza Horn Iotti no texto «O branqueamento da raça: a política imigratória imperial brasileira e a ‘qualidade’ dos imigrantes». Para tal, utiliza como fonte a legislação brasileira sobre imigração e colonização, promulgada entre 1822 e 1889, partindo do pressuposto que a análise da legislação permite, entre outras coisas, identificar os diversos interesses dos grupos sociais, nas diferentes fases pelas quais passou o processo migratório e de colonização no Brasil.

Voltando à discussão sobre ‘escritas si’, porém no contemporâneo e com o uso das narrativas orais, Sueli Siqueira, Maria Lucinda Fonseca, Mauro Augusto Santos e Patrícia Falco Genovês trazem a cena no artigo «Brasileiros em Portugal e nos Estados Unidos: semelhanças e diferenças nos dois destinos» a experiência migratória de brasileiros nestes dois países, colocando em relevo narrativas de brasileiros no período pós-crise 2008. Período que juntamente ao aumento da ação de fiscalização dos agentes imigratórios nos Estados Unidos provocou uma ampliação no sentimento de medo e insegurança dos indocumentados. Tal situação, argumentam os autores, teve como ingrediente nos dois destinos a crise econômica e com ela a perda de postos de trabalho e, para muitos, o retorno para o Brasil.

Partindo da situação específica de um intelectual no exílio e seguindo a senda da ‘autobiografia’, em «Intelectuais no exílio: algumas notas sensíveis» Adélia Miglievich-Ribeiro se compromete em produzir um exercício de invenção sobre a experiência de 12 anos de exílio de Darcy Ribeiro após o Golpe Militar de 1964 no Brasil. A partir de fragmentos de relatos esparsos sobre suas viagens e confissões sobre o exílio propriamente, propõe a *invenção* de um texto capaz de ligar os depoimentos de Darcy, como se ele o tivesse escrito de uma só vez. Retoma assim o tema do intelectual exilado sob a inspiração de Theodor Adorno e de Edward Said a fim de concluir sobre o significado dos deslocamentos na experiência ‘prejudicada’ do exílio. Desse modo, descobre em Darcy Ribeiro e na sua abertura à ‘alteridade’, que foi capaz de perceber como ‘semelhança’, a conquista de sua qualidade humana que minimizou para ele o afastamento *eu-outro* bem como o distanciamento histórico entre Brasil e países vizinhos na Ibero-América.

No âmbito do discurso sobre o espaço urbano e as questões imigratórias, Maria Izilda Santos de Matos no artigo «Santos: múltiplas experiências, ações e olhares: Cidade-porto, febril, saneada e imaginada» questionar as transformações e tensões na cidade-porto de Santos em parte do século XIX e décadas iniciais do XX, analisando, entre outros documentos, os relatos de viagem. Sua análise encontra-se organizada em três tópicos intitulados: o porto febril: epidemias; o porto: saneamento e controle e a cidade-porto: conexões, viagens e olhares; por fim, algumas considerações finais, denominadas ‘olhares, relatos e representações’.

Na mesma linha, Enric Bou Maqueda em «Cidades brancas? Fronteras urbanas en clave transatlántica» parte das reflexões propostas por Joseph Roth, Walter Benjamin, Sigfried Kracauer e Claudio Guillén, nos quais se apresenta o conceito de ‘cidade branca’, ligado a ideia de fronteira e a centralidade, para concluir que a ‘cidade branca’ é desfocalizada e periférica, invadida e rebelde, modelo (senão o projeto) e inferno (pesadelo ou o caos). O conceito se aplica ao exame de quatro cidades ‘brancas’ a propósito de sequências significativas de quatro filmes: *Los olvidados* (1950) de Luis Buñuel, *Pizza, birra, faso* (1998) de Bruno Stagnaro e Israel Adrián Caetano, *Dans la ville blanche* (1983) de Alain Tanner e *Biutiful* (2010) de Alejandro González Iñárritu.

No que concerne a perspectiva dos ‘olhares estrangeiros’, em «Livros, leituras e circulação de saberes nas teses médicas sobre a epidemia de cólera da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (ca. 1855): notas preliminares de pesquisa», Sebastião Pimentel Franco e André Luis Lima Nogueira propõem uma discussão sobre a produção das teses médicas apresentadas à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ) que dissertaram acerca do cólera-morbus à época em que a epidemia chegou ao Brasil (ca. 1855). O objetivo é perceber a influência de determinados autores estrangeiros, lentes da Faculdade, paradigmas médicos, além dos cânones impostos para a confecção do trabalho de final de curso dos ‘doutorandos’. Esses olhares os aproximam de algumas questões como à ‘história da leitura e do livro’ que, apenas mais recentemente, têm sido pensadas pelos historiadores que se debruçam sobre o ‘livro médico’. Isto sobretudo para as formas de ‘circulação’ de saberes médicos para a produção dos trabalhos de final de curso dos doutorandos da FMRJ no contexto da chegada da epidemia de cólera ao Império.

Na mesma trilha, Rita de Cássia Marques em «As águas da capitania de Minas Gerais no relato dos estrangeiros: século XVIII e XIX» discute como os primeiros relatos de estrangeiros no Brasil, especificamente na região de mineração de Minas Gerais, exploram as riquezas minerais sempre as relacionando com a água, com a saúde e com a doença. Em Minas Gerais, estado com muitas nascentes de água mineral, desde o século XVIII há registros de curas milagrosas como resultado do consumo e banho. Os relatórios destas pesquisas foram escritos por europeus no Brasil, nos séculos XVIII e XIX, dentre eles o médico dinamarquês Theodore Langgaard, que preocupado com o uso indiscriminado, descreve as propriedades e prescreve as águas minerais para diferentes situações e doenças. No século XIX, havia cidades que se desenvolveram como centros terapêuticos baseados na exploração de águas minerais despertando o interesse econômico do governo e de um químico alemão.

Em «A arte da sangria: circularidade de ideias e práticas (Rio de Janeiro, primeira metade do século XIX)» Tânia Salgado Pimenta descreve como a sangria era bastante usada e entendida como fundamental por parte dos

médicos acadêmicos e da população da Europa ocidental para se atingir o equilíbrio em casos de doença. Analisa como em Portugal e seus domínios, desde o século XIII, tentou-se regulamentar e fiscalizar as práticas médicas, a princípio voltada para o exército. Desde modo, a partir de 1808, com a transferência da Corte e as instituições da burocracia para o Brasil, essa fiscalização passou a ser mais efetiva nas cidades maiores do território brasileiro. E como, nesse mesmo ano, a Fisicatura-mor foi recriada com sede no Rio de Janeiro e todas as questões sobre regulamentação e fiscalização relacionadas às artes de curar seriam decididas ali.

A todos desejamos uma boa reflexão sobre essas dinâmicas de deslocamentos e circulações, de pessoas e de ideias que atravessaram gerações de homens e mulheres em todos os cantos do mundo, em diferentes zonas geográficas, mas que aqui são pensadas com o olhar direcionado à América Latina e à Europa, em suas múltiplas leituras entrecruzadas. Boa leitura!

